

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO EXPRESSÃO DA CULTURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Patrícia Spinassé Borges¹
Gabriel Carvalho Bungenstab²

Resumo: O artigo teve como objetivo discutir a concepção de cultura a partir de uma experiência de Educação Ambiental (EA) em um curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) na Universidade Federal de Goiás/ Câmpus Goiás. Para isso, a pesquisa teve abordagem qualitativa e diversos instrumentos para a coleta dos dados: entrevista com a professora efetiva do curso da LEdoC, questionário exploratório para os alunos, gravações das aulas síncronas e do grupo focal, assim como as atividades realizadas pelos alunos durante o Tempo Comunidade. Pode-se concluir que a utilização da “mística” durante as aulas foi importante, possibilitando o intercâmbio de ideias com os alunos, oportunizando o diálogo sobre as experiências e vivências do cotidiano no campo. Desse modo, torna-se relevante que as atividades de Educação Ambiental voltadas para formação dos discentes da Educação do Campo considerem o território, a cultura, a identidade, os aspectos sociais e históricos dos sujeitos do campo. A presença da EA crítica no curso da LEdoC pode contribuir para a formação de um sujeito emancipado e participativo com vistas à construção de uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Cultura. Educação Ambiental. Educação no Campo.

ENVIRONMENTAL EDUCATION AS NA EXPRESSION OF CULTURE IN THE CONTEXT OS RURAL EDUCATION

Abstract: The article aimed to discuss the conception of culture based on an Environmental Education experience in a Degree course in Rural Education (LEdoC) at the Federal University of Goiás/ Câmpus Goiás. For this, the research had a qualitative approach and several instruments for data collection: interview with the effective teacher of the LEdoC course, exploratory questionnaire for students, recordings of synchronous classes and focus groups, as well as activities carried out by students during Community Time. It can be concluded that the use of “mysticism” during classes was important, enabling dialogue and the exchange of ideas with students, providing opportunities for dialogue about their daily experiences in the field. Therefore, it becomes relevant that Environmental Education activities for Rural Education consider the territory, culture, identity, social and historical aspects of rural subjects. The presence of critical EE in the LEdoC course can contribute to the formation of an emancipated and participatory subject with a view to building a more just society.

Keywords: Culture. Environmental education. Rural Education.

¹ Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás. Possui mestrado em Ensino de Ciências pela Universidade Estadual de Goiás. Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em Ciências Biológicas pela FAESA. Email para contato: patriciaspinasse@yahoo.com.br

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação Física pela UFES. Licenciado em Educação Física pela UFES. É professor efetivo no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás (PPGEF-UFG). Email para contato: gabrielcarv@msn.com

LA EDUCACIÓN AMBIENTAL COMO EXPRESIÓN DE LA CULTURA EN EL CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN RURAL

Resumen: El artículo tuvo como objetivo discutir la concepción de cultura a partir de una experiencia de Educación Ambiental en la Licenciatura en Educación Rural (LEdoC) de la Universidad Federal de Goiás/Câmpus Goiás, para esto, la investigación tuvo un enfoque cualitativo y varios instrumentos para la recolección de datos: entrevista al docente efectivo del curso LEdoC, cuestionario exploratorio para estudiantes, grabaciones de clases sincrónicas y grupos focales, así como actividades realizadas por los estudiantes durante el Tiempo de Comunidad. Se puede concluir que fue importante el uso del “misticismo” durante las clases, permitiendo el diálogo y el intercambio de ideas con los estudiantes, brindando oportunidades de diálogo sobre sus experiencias cotidianas en el campo. Por lo tanto, resulta relevante que las actividades de Educación Ambiental para la Educación Rural consideren el territorio, la cultura, la identidad, los aspectos sociales e históricos de los sujetos rurales. La presencia de EA crítica en el curso LEdoC puede contribuir a la formación de un sujeto emancipado y participativo con miras a construir una sociedad más justa.

Palavras-clave: Cultura. Educación ambiental. Educación Rural.

Introdução

Em sua gênese, a Educação do Campo (EC) se constitui atrelada as lutas sociais camponesas. Dessa forma, ela se materializa a partir das ações dos sujeitos e, portanto, trata-se de uma educação *dos* e não *para* os sujeitos do campo (Caldart, 2004).

A Educação do Campo é uma modalidade de ensino que tem como objetivo atender às demandas educacionais dos sujeitos que habitam no meio rural e trabalham no campo, como agricultores familiares, os assentados e acampados da reforma agrária, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os ribeirinhos, entre outros. Cabe ressaltar que esses sujeitos trazem em suas reivindicações político-sociais a busca por melhores perspectivas de vida em sociedade (Melo Júnior, Bezerra Neto, 2021). É nesse sentido que a Educação do Campo, possibilita pensar a cultura como matriz formadora, ou seja, a educação é uma dimensão da cultura que, por sua vez, é uma dimensão do processo histórico (Caldart, 2004).

Na educação do campo, a cultura está indissociavelmente ligada à atividade material dos seres humanos seja por meio de suas representações, ideias, normas, valores, que aparecem como produto da atividade vital dos homens e das mulheres residentes no campo, ou através de suas relações com seus iguais e com a natureza (Melo Júnior, Bezerra Neto, 2021).

Dessa forma, a cultura forma o ser humano e dá referências para o modo de educá-lo. Os processos culturais ao mesmo tempo expressam e garantem a própria ação educativa do

trabalho, das relações sociais e das lutas sociais (Caldart, 2004). Para Melo Júnior, Bezerra Neto (2021), o papel da educação consiste em fomentar aos indivíduos que dela se utilizam um senso crítico no tocante aos aspectos econômicos, políticos e sociais, e assim, conseqüentemente, essas pessoas se encontrarão aptas a tomarem decisões no meio em que vivem alcançando o exercício da cidadania.

Tiriba (2009) salienta a importância em falar sobre a “cultura do trabalho” como uma categoria fundante na reflexão sobre as dimensões educativas no processo laboral. Para Tiriba (2009, p. 85) a cultura do trabalho diz respeito:

[...] aos elementos materiais (instrumentos, métodos, técnicas, etc.) e simbólicos (atitudes, ideias, crenças, hábitos, representações, costumes, saberes) partilhados pelos grupos humanos — considerados em suas especificidades de classe, gênero, etnia, religiosidade e geração. Determinada em última instância pelas relações de produção, nos remete a objetivos e formas sobre o dispêndio da força de trabalho, maneiras de pensar, sentir e se relacionar com o trabalho.

Pensar a educação vinculada a cultura do trabalho significa construir uma visão de educação pautada em formação das gerações. A EC se preocupa com a identidade cultural camponesa e busca os valores humanos e sociais, como emancipação, justiça, a igualdade, liberdade, respeito, diversidade, assim como reconstruir nas novas gerações o valor da utopia e do engajamento pessoal a causas coletivas, humanas (Caldart, 2004). Para a autora, a EC precisa ser a expressão (e o movimento) da cultura do trabalho camponês transformada pelas lutas sociais (Caldart, 2004). Nesse sentido, a autora considera que o trabalho forma e produz o ser humano:

A Educação do Campo precisa recuperar toda uma tradição pedagógica de valorização do trabalho como princípio educativo, de compreensão do vínculo entre educação e produção e de discussão sobre as diferentes dimensões e métodos de formação do trabalhador, de educação profissional, cotejando todo este acúmulo de teorias e de práticas com a experiência específica de trabalho e de educação dos camponeses (Caldart, 2004, p. 32).

É nesse sentido que Dantas, Soares e Santos (2020, p. 452) ressaltam que:

As bases da EC encontram-se nas lutas das classes populares contra a institucionalização da ideologia liberal como modelo de educação oferecido

pelo Estado. A iniciativa baseia-se no entendimento de que o modelo de educação adequado à classe economicamente dominante (burguesia) não contempla a cultura, as tradições, as místicas, os costumes e as lutas dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Assim, a EC se configura como um movimento contra hegemônico ao modelo de organização liberal também arraigado no espaço agrário, responsável pela marginalização da classe trabalhadora, excluindo-os do direito à terra – e tudo que ela representa para a dignidade e cidadania do homem e da mulher do campo.

Dessa forma, tanto a EC quanto a Educação Ambiental (EA), nasceram a partir de movimentos organizados da sociedade civil como uma maneira de questionar o modelo de desenvolvimento capitalista, que é socialmente excludente e ambientalmente insustentável (Dantas, Soares, Santos, 2020).

Partimos do pressuposto que as famílias que habitam e trabalham no campo o fazem de acordo com determinada cultura e, ao desenvolverem seus trabalhos, também passam a produzir cultura. Nesse bojo, a reflexão é: a EA no contexto da EC se apresenta como expressão da cultura do trabalho camponês?³ tem por objetivo discutir a concepção de cultura a partir de uma experiência de Educação Ambiental em um curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Goiás/ Câmpus Goiás.

Percurso Investigativo

Para o desenvolvimento da pesquisa, optou-se pela pesquisa participante (Borges, 2022). Foi elaborado de forma participativa entre a pesquisadora (PE) e uma professora efetiva do curso de Licenciatura em Educação do Campo (P1), a partir do planejamento e da execução de uma disciplina na modalidade Núcleo Livre⁴ (NL), trazendo a discussão e a reflexão da Educação Ambiental para a formação de professores de Ciências da Natureza do campo, assim como a formação do educador ambiental.

A disciplina intitulada “Educação Ambiental na Educação do Campo” foi ofertada na modalidade de NL e teve carga horária de 64 horas, no turno vespertino. Para a coleta de dados utilizou-se os oito alunos matriculados no curso de Licenciatura em Educação do Campo

³O presente artigo é um recorte da tese de doutorado intitulada “Evidências de diálogos entre a Educação do Campo e Educação Ambiental em um curso de Licenciatura” apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, na Universidade Federal de Goiás, defendida em 02 de setembro de 2022.

⁴O NL é formado por disciplinas e atividades complementares que são cursadas de forma livre pelos estudantes de graduação com o intuito de integralizar o currículo.

(LEdoC)/ Câmpus Goiás. A disciplina ocorreu no segundo semestre de 2020 de modo remoto (*on-line*), em razão da Pandemia da Covid-19 durante o ano de 2020. Dessa forma, utilizou-se a Plataforma *Google Meet* para as aulas síncronas, além de atividades complementares para as atividades assíncronas⁵ durante o Tempo Comunidade (Borges, 2022).

É importante salientar que o curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Goiás é um curso presencial, mas que atende ao regime de Alternância, alternando o Tempo Universidade (TU) e o Tempo Comunidade (TC). O TU caracteriza-se pelo período em que os alunos estão na universidade frequentando os componentes curriculares do curso. Já o TC é realizado nas comunidades de origem dos educandos, em escolas localizadas no meio rural que contemplem os municípios de origem desses estudantes (Borges, 2022).

Alguns autores como Faleiro e Ribeiro (2021), Cordeiro, Reis e Hage (2011), consideram que o regime de Alternância facilita o acesso e permanência dos alunos, visando articular a Educação com a realidade dos sujeitos do campo e os seus modos de vida rural durante o momento formativo.

Durante a pesquisa, utilizou-se de diferentes instrumentos de coleta de dados, como: entrevista semiestruturada com a professora P1, que ocorreu de modo virtual pela Plataforma do *Google Meet* e esta foi gravada em áudio e imagem, para posterior análise. Foram realizadas vinte reuniões com a P1 para elaboração da ementa da disciplina, planejamento das aulas e avaliação do desenvolvimento da disciplina.

Ao iniciar a disciplina foi encaminhando um questionário exploratório para os alunos (via e-mail) como objetivo principal de obter informações sobre o perfil dos estudantes, bem como suas compreensões sobre os conceitos de natureza, meio ambiente, sustentabilidade, problemas ambientais e sobre o entendimento de EA.

Foi realizado um grupo focal de maneira remota via *Google Meet* que foi formado pela PE (que atuou como moderadora), pela P1 (que mediou as perguntas norteadoras) e pelos discentes da LEdoC matriculados na disciplina. Os dados coletados foram gravados em áudio e vídeo, para análise posterior. Com o grupo focal objetivou-se promover a discussão com os

⁵ Aulas síncronas são aquelas realizadas ao vivo, tendo tanto professor(a) como os alunos no mesmo espaço virtual. Já as aulas assíncronas são aquelas em que o professor(a) grava previamente o conteúdo e envia posteriormente aos discentes.

alunos quanto à presença da EA na comunidade e nas escolas do campo, como também sobre a formação de professores e o debate envolvendo a presença da sustentabilidade no campo.

Com a finalidade de manter o sigilo dos participantes da pesquisa, optou-se por utilizar letras maiúsculas e numeradas para a sua representação. Para a coleta dos dados da pesquisa, utilizou-se a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas. Na análise de conteúdo existem três diferentes fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 1977).

Foi realizada a transcrição da entrevista com a P1, do planejamento da disciplina, a tabulação dos questionários dos alunos, a transcrição das aulas síncronas, a tabulação das atividades do TC e transcrição do grupo focal. Todo o material coletado foi submetido à busca de marcadores, que constituíram as unidades de registro. Cabe ressaltar que os marcadores possuem origens no campo teórico da EA e da EC (Borges, 2022). Dentre as unidades de registro submetidas na pesquisa, para este artigo utilizou-se o marcador intitulado “cultura”.

Resultados e discussão

Não apenas durante o grupo focal, mas também no questionário respondido pelos alunos e nas atividades do Tempo Comunidade (TC) foi possível identificar o marcador cultura. Cultura é uma palavra considerada universal, mas o seu conceito científico nunca foi bem aceito por todos os que tentam decifrar o que os seus processos e conteúdos querem de fato significar. Nesse bojo, Brandão (2002) considera que a complexidade humana também está no fato de sermos, ao mesmo tempo, natureza e cultura:

Tal como outros seres vivos com quem compartilamos a mesma casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas e com as mesmas combinações de matérias e de energias que movem a Vida e os astros do Universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, o vento, sustenta o voo dos pássaros, em uma outra dimensão da existência impele o voo de nossas ideias, isto é, dos nossos afetos tornados os nossos pensamentos. Não somos intrusos no Mundo ou uma fração da Natureza rebelde a ela. Somos a própria múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da Vida: a vida humana (Brandão, 2002, p. 17).

Por outro lado, a compreensão de cultura para Freire (1987, p. 12) está relacionada com a própria evolução do homem:

A cultura letrada não é invenção caprichosa do espírito; surge no momento em que a cultura, como reflexão de si mesma, consegue dizer-se a si mesma, de maneira definida, clara e permanente. A cultura marca o aparecimento do homem no largo processo da evolução cósmica. A essência humana existencia-se, autodesvelando-se como história.

Para Borges (2022, p. 133) essa compreensão sobre cultura possibilita refletir essa interação, nesse movimento entre cultura e natureza. Essa afirmação destaca a interdependência entre os seres humanos e o ambiente em que vivemos. Não somos apenas espectadores passivos do mundo ao nosso redor; somos participantes ativos que moldam e são moldados pelas condições ambientais. A linguagem desempenha um papel fundamental nesse processo, pois nos permite interpretar e dar sentido às experiências que temos com o ambiente. Ao interagir com o ambiente, criamos uma visão própria e única da realidade, influenciada por nossas percepções, valores, crenças e experiências individuais. Essa visão molda nossa relação com o mundo e, por sua vez, influencia como interpretamos e interagimos com ele. Assim, vivemos em nosso mundo de significados, transformando a natureza em cultura.

Cabe ressaltar, de acordo com Melo Júnior e Bezerra Neto (2021), que a cultura vem dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, ou seja, as atividades culturais (conhecimentos locais ou regionais) das comunidades devem ser associadas ao macro conhecimento social dos homens. Para Borges (2022, p. 133):

A cultura está diretamente relacionada com a Educação do Campo, na qual seu significado geral compreende toda criação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva aos estabelecimentos dos modos de vida. Ou seja, trata-se da criação e da recriação que surgem daquelas relações em que os humanos, ao transformarem o mundo, transformam a si próprios (Tardin, 2012).

Para Melo Júnior e Bezerra Neto (2021), a cultura faz parte da historicidade humana, na qual os conhecimentos eruditos e os conhecimentos tradicionais são herdados pelas populações do campo, como por exemplo, as atividades culturais associadas às experiências

que os homens e as mulheres do campo desenvolveram em um meio de vida simbiótico com a terra. É nesse sentido que:

Ao conceber as práticas sociais, especialmente o trabalho, como produção material e cultural da vida e do conhecimento, a EC reafirma o diálogo com a EA, pois é através do trabalho que o ser humano transforma a natureza. (Dantas, Soares, Santos, 2020, p. 460).

Na pesquisa, durante a etapa de planejamento da disciplina optou-se incluir em cada aula síncrona, logo no seu início, um momento de sensibilização (intitulada de “mística”) sobre questões relacionadas ao meio ambiente, a Educação Ambiental, Educação do Campo e sobre a vida no campo.

Para esse momento de “mística” foi utilizado: poemas, vídeos, músicas, textos e imagens a serem exibidas aos alunos para refletir, questionar e discutir suas opiniões e sentimentos frente às questões levantadas pelas professoras em cada uma das aulas. A inclusão da “mística”, como sendo um momento de sensibilização para reflexão de questões relacionadas à temática ambiental, foi um consenso entre P1 e a PE.

Dessa forma, a “mística” foi definida como um momento de reflexão e sensibilização para os alunos visto que esta se faz presente tanto nas atividades da Educação do Campo como na Educação Ambiental, e se mostrou como um momento importante para trazer à tona discussões e reflexões relevantes sobre o meio ambiente, sobre a relação ser humano – natureza e os elementos culturais da vida no campo.

Durante a entrevista, a professora P1, destaca a utilização da “mística” como momento de sensibilização e expressão de linguagens nas aulas:

P1: As diferentes linguagens na Educação do Campo são importantes para a gente trazer essa sensibilização, que está presente também na Educação Ambiental, trazer a afetividade, a discussão política, essa reflexão como sujeito no mundo, nosso papel no coletivo, nos movimentos sociais que estão presentes na Educação do Campo. Tentar trazer para a disciplina esse aspecto. Na Educação do Campo esse aspecto presente é a mística, e a leitura do poema também representa o papel da mística.

Podemos considerar, na esteira de Bogo (2012), que na EC a “mística” é o momento da ação política, da sensibilização, da teatralização entre outros, que tem o intuito para chamar para a ação. É a possibilidade de explicação da manifestação cultural pelos movimentos

populares, definidos pelas bases filosóficas. Para Bogo (2012), os movimentos populares veem a mística como uma expressão intrínseca da cultura, arte e valores de suas comunidades, essenciais para sua experiência coletiva na busca pela transformação social. Para Borges (2022, p. 135), a busca pelo direito à educação,

[...] está relacionada à necessidade de formar sujeitos que possam viver o significado da vida no campo, recorrendo aos símbolos e as simbologias, ou seja, por meio de representações que os caracterizam e os façam lembrar a força de uma cultura, de uma identidade, de uma luta. Nesse sentido, um dos símbolos dessa luta é a mística (Piatti, Silva, 2021). Nota-se, portanto que a “mística” está diretamente relacionada a cultura e, também, na luta dos sujeitos do campo em defesa da sua identidade e território.

Para Baldotto e Morila (2020) a mística, na construção da modalidade EC, tornou-se um elemento pedagógico fundamental, sendo utilizada como estratégia de consolidação da identidade dos povos do campo, com vistas no processo de aprendizagem, tendo, portanto, um papel extremamente formativo. Durante uma das aulas síncronas, a professora P1 convidou a aluna A6 para realizar uma mística, já que esse tipo de atividade está sempre presente nas aulas do curso. Esta aluna se propôs a compartilhar com os colegas de turma alguns de seus poemas:

A6: Eu quis mostrar um pouco do cantinho onde eu vivo. A dinâmica da Educação do Campo. Eu vou mostrar desse contato com a natureza, dessa Educação Ambiental que a gente tenta ter aqui no campo. Eu vou apresentar um pouco disso, bem simples.

A aluna, A6, apresentou durante a aula síncrona dois poemas de sua autoria que retrataram sua relação com o campo e com a natureza. Os poemas foram exibidos em slides com fotos da sua produção de abóboras em horta orgânica. Seguem abaixo os poemas recitados na aula:

Vida de camponês: Uma coisa é bom lembrar, o camponês sabe que é preciso preservar. Aprendeu com seus pais e aos seus descendentes tentam passá. Uma vida sofrida, sempre há. Para a mesa o pão colocá. Mas com alegria leva a vida então, tem tristeza mas tem emoção. Seus filhos em escola do campo começam a estudar e futuros profissionais vão se formar. Pois na cidade é difícil de estar, pois é na terra que sabem lidá. (Aluna A6, 2020).

Meu recanto encantado: Nasci na cidade, mas tenho sangue de camponês. Cresci desfrutando do encanto da roça, moro no campo e vivo como posso. Lá na cidade, de vez enquanto eu vou, mas volto pro meu recanto para não ter um troço. Da cidade tenho fobia e ainda tem a pandemia que rouba minha, a nossa alegria. Nos deixa com medo de respirar e nesse maldito vírus pegar. Porque aqui no campo tem nobreza, as florestas e suas riquezas. Talvez a nossa natureza nos dá um pouco mais de certeza, que o nosso ar seja mais puro e nos traga beleza. Aqui cantam os passarinhos e todos os animais tem sua beleza. A natureza cuida com tamanha maestria (sic). Assim, é o meu recanto encantado, onde vivemos, com singeleza e contemplamos tamanha beleza. No entardecer o canto dos pássaros o despertar do sol sobre as serras, me faz sentir uma camponesa. Venhas conhecer o meu cantinho amado e verás como seus olhos o meu mundo encantado. (Aluna A6, 2020).

A constância da “mística” marcada no início de cada aula síncrona da disciplina no curso da LEdoC/Câmpus Goiás traz a cultura expressa através de poemas, músicas, vídeos, imagens e textos. Este momento de socialização cultural, política e de aprendizagem para o exercício da profissão, viabiliza a organização de místicas em suas atividades nas escolas do campo e na comunidade como forma de expressão cultural própria. Nesse contexto, corrobora com Baldotto e Morila (2020), ao compreender que a mística expressa a cultura, a arte, a política, a economia, a memória de um povo e os diversos valores de justiça e indignação, estabelecendo a luta em prol da transformação.

Tardin (2012, p. 181) esclarece a cotidianidade existente entre o camponês e a natureza na qual:

Essa relação com a natureza vai caracterizar uma espiritualidade própria, que será traduzida numa estética de expressão variada, que se revela em músicas de estilos variados, danças, poética, teatro, bailes e festividades, instrumentos musicais, causos e contos, histórias e lendas, artesanato, artes plásticas, ritos, mitos e outros.

Após a “mística” apresentada na aula, alguns alunos reconheceram a importância da mística e manifestaram suas opiniões, assim como P1:

A6: Essas fotos dessas abóboras, isso é parte da produção desse ano. (...) É uma produção nossa, sem produtos agrotóxicos, que é o mais importante que vem ao encontro com o que a gente está trabalhando na Educação Ambiental.

P1: A mística é isso mesmo, tem a ver com o que a gente está discutindo, com coisas atuais, com a questão da luta. A A6 trouxe no poema dela as questões do cotidiano do camponês, a luta, as questões de educação, questões ambientais.

Diante do exposto, nota-se que a “mística” está em movimento e está presente na luta por projetos e políticas públicas essenciais aos sujeitos do campo, preservando sua identidade, território e cultura (Baldotto, Morila, 2020).

Em outra aula síncrona, utilizou-se como “mística” a exibição de vídeos: “Greenpeace: Chega de agrotóxicos”; “Agro: A riqueza do Brasil”, como momento de sensibilização, e logo após houve a discussão com a turma:

A6: eu acho que o Agro não é Pop, ele é lixo, no meu modo de dizer. Mas quando a gente fala de agricultura, a gente tem muito mais cultura, vamos dizer pela palavra como um todo. A cultura é bem maior do que esse agro, então eu acho que é pensar que a cultura ela vai perder espaço no Agro, nesse significado amplo da palavra.

É importante destacar que a A6 se reconhece como camponesa e tem essa relação com a agricultura intrínseca na sua vida, já que vive em um assentamento. Para Tardin (2012) a agricultura traduz a relação ser humano x natureza marcada pela forte conexão de pertencimento, de transformação e criação, uma relação que é pautada no cuidado, na identidade humano/natureza, ou seja, isso também é cultura.

Pode-se dizer que a cultura como modo de vida e de luta encontra-se associada aos aspectos políticos, econômicos, sociais e educacionais de uma sociedade (Melo Júnior, Bezerra Neto, 2021).

Foram exibidos aos alunos alguns vídeos “Greenpeace: Chega de agrotóxicos”; “Agro: A riqueza do Brasil”, para adentrar nas discussões sobre a expansão do agronegócio no bioma Cerrado:

A6: A gente trabalha aqui no campo e esse desenvolvimento é de quem? Esse desenvolvimento é para os grandes latifundiários. Para nós nada, apenas o trabalho excessivo e a desvalorização do nosso trabalho, da nossa cultura e isso é o que sobra para nós e que futuro teremos se acabarem com os nossos recursos naturais? Eu vejo assim, nenhum dos nossos filhos, nossos netos vão ter esse futuro.

É possível observar a estreita relação entre a natureza e a cultura nas falas da A6. Nesse sentido, Tardin (2012) esclarece que o mundo camponês é constituído por ecossistemas complexos dos quais é necessário recolher e/ou transformar os materiais da natureza para assegurar a satisfação das necessidades vitais e a reprodução social. Assim, o autor acrescenta que em sua generalidade, o ser camponês está conectado com a natureza de forma cotidiana, e essa interligação se dá por um contínuo conhecer, pelas descobertas, pela práxis empírica, pela experimentação, que com o tempo vão efetivando as tentativas que propiciam os acertos e os erros, e com isso, reorientam suas escolhas.

Isso vai ao encontro com o que Melo Júnior e Bezerra Neto (2021) afirmam ao considerarem que a cultura para as comunidades do campo inicia-se na luta pela preservação de suas atividades culturais como danças, músicas, artesanatos, maneiras de cultivar a terra, formas de pescar, estratégias de preservação e conservação da fauna e flora brasileira (que retiram das florestas ou matas os recursos sem degradá-las).

Procurou-se durante as aulas compreender o entendimento dos discentes da LEdoC sobre a Educação Ambiental. A discente A3 relatou que: “Entendo que é uma ação educadora comprometida com mudanças culturais”. Ampliando-se entendimentos sobre a Educação Ambiental, buscou-se entender qual o papel desta para a comunidade segundo os alunos:

A3: Primeiro que o papel da educação ambiental é de transformação cultural, nas nossas comunidades e de incentivar as pessoas a pensarem, no modo de ser e de estar aqui, nos valores que nos motiva.

Constata-se que o aluno A3 relaciona a EA com mudanças e transformações culturais. Nesse caso, a EA está relacionada ao processo de transformações, considerando essa como sendo uma mudança no sentido de se buscar uma direção frente aos problemas ambientais contemporâneos que são decorrentes do modelo de desenvolvimento capitalista, o que reflete uma visão de EA crítica.

Com o agravamento das questões ambientais, decorrentes da pressão exercida pelas atividades econômicas sobre os sistemas naturais, despertou-se na sociedade a necessidade de mudança de atitude, uma mudança voltada para um novo paradigma: o desenvolvimento sustentável. Nessa perspectiva, a EA foi inicialmente pensada e instrumentalizada como uma proposta de tomada de consciência do ser humano em relação ao mundo, a partir da

compreensão de si mesmo e sua atuação na realidade com o ambiente (Dantas, Soares, Santos, 2020).

Diante disso, por compreender cultura como sendo esse movimento de interação com a natureza, busca-se, portanto, uma nova relação, uma mudança no processo cultural que melhore as condições da relação ser humano x natureza. Loureiro (2019, p. 106) enfatiza, “a Educação Ambiental crítica não se realiza do sujeito para o mundo, mas entre os sujeitos que coletivamente agem para transformar o mundo e se transformar”.

É nesse sentido que a Educação Ambiental, em virtude do seu caráter crítico e dialógico pode, e deve ser empregada como um elemento fundamental na Educação do Campo, provendo para que os estudantes transformem a si mesmos, seu meio e suas relações sociais de forma mais sustentável e harmoniosa (Alves, Melo, Santos, 2017).

Durante o grupo focal, P1 com o intuito de promover o debate, questiona os alunos se é possível fazer o diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais:

A6: Quando a A1 fala sobre conscientização ambiental, eu acho que ela é cultural. E quando a gente vive no campo a gente tem essa cultura, mesmo que os nossos pais que não foram à Universidade, eles sabem que é necessário preservar. Eles podem não saber técnicas, mas eles sabem da necessidade e da importância de se preservar o meio ambiente.

A professora PE dá sequência com as reflexões no grupo focal, trazendo a seguinte problemática: pensando na presença da Educação Ambiental nas escolas, o que é preciso para que a EA aconteça de fato dentro das escolas? E novamente, tem-se a presença da cultura:

A2: Essa é uma questão polêmica ainda que acarreta uma série de contextos políticos, econômicos, sociais e culturais. Porque no sistema atual, que é o capitalista, não se há interesse nessa área ambiental, que não seja para fins lucrativos e que detona totalmente a Educação Ambiental na sua totalidade como protetor da vida.

A6: Em primeiro lugar, quando a gente fala de Educação Ambiental ela está atrelada à cultura. E aí quando a gente está no papel de professor a gente tem um pensamento e um viés a pensar. Quando a gente tá no papel de camponês a gente tem outro viés a pensar (...).

Observa-se que o aluno A2 ressalta a existência de conflitos e interesses econômicos, políticos, culturais e sociais que são decorrentes do sistema capitalista, na qual há a extração

de recursos naturais de maneira predatória e o acúmulo de riquezas, provocando a divisão na relação ser humano x meio ambiente. Cabe evidenciar, ainda, que o A2 sinaliza que esse modelo de desenvolvimento está relacionado a crise ambiental, na qual suas políticas intensificaram a destruição dos ecossistemas, exploração excessiva dos recursos naturais, geração de resíduos e emissão de gases poluentes, sinalizando que o capitalismo objetiva o lucro, inclusive no que diz respeito a área ambiental. Para Melo, Alves e Santos (2017) a Educação Ambiental presente no campo concede ao ensino seu caráter de processo permanente que humaniza e qualifica o homem e suas relações com o meio ambiente.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo discutir a concepção de cultura a partir de uma experiência de Educação Ambiental em um curso de Licenciatura em Educação do Campo. Percebeu-se que a “mística”, tida como esse momento de sensibilização, esteve presente no início de cada aula, como ponto de partida para a discussão e reflexão que envolvem a temática da EA. Acredita-se que a utilização da “mística” durante as aulas foi importante, possibilitando o diálogo e o intercâmbio de ideias com os alunos, de forma que eles puderam manifestar suas opiniões e sentimentos sobre o assunto, assim como trouxeram para o diálogo as experiências e vivências do seu cotidiano no campo.

Em suma, a “mística” relaciona questões que contribuem para o reconhecimento da identidade cultural da vida no campo. Para a Educação Ambiental esse reconhecimento cultural se faz necessário ao se pensar em atividades ou projetos a serem realizados nas escolas ou nas comunidades. Desse modo, torna-se relevante que as atividades de EA considerem o trabalho, o território, a cultura, a identidade, os aspectos sociais e históricos dos sujeitos do campo. Desse modo, é possível concluir que a EA inserida na EC, ao utilizar a “mística” como potencializadora das discussões, se apresentou como expressão da cultura do trabalho camponesa. Cultura essa que considera a EA como arma importante na luta contra a cultura capitalista.

Isso demonstra que os alunos consideram que a EA está diretamente relacionada com transformações ou mudanças culturais, estando esta vinculada ao seu contexto laboral, social, econômico e político. De fato, a EA crítica compreende a importância de se relacionar os sujeitos com seus aspectos culturais, sociais e históricos com o intuito de se promover uma

transformação da realidade, auxiliando no desenvolvimento de habilidades de análise, reflexão e ação. Um sujeito educado de forma crítica não apenas compreende os desafios ambientais enfrentados pela sociedade, mas também questiona as estruturas sociais e econômicas que contribuem para esses problemas.

Cabe ressaltar que o marcador cultura, esteve presente de forma intrínseca aos alunos da LEdoC e, portanto, se fez necessário adentrar nessa discussão enfatizando o contexto da EA e da EC, de forma a possibilitar diálogos que representam diferentes olhares e interpretações sobre o mundo vivido desses sujeitos. Considera-se que a presença da EA crítica no curso da LEdoC possa contribuir para a formação de um sujeito emancipado e participativo nas tomadas de decisões, podendo dessa maneira exercer a cidadania com vistas à construção de uma sociedade mais justa.

Referências

ALVES, Clarice Gonçalves Rodrigues; MELO, Lana Cristina Barbosa de; SANTOS, Virgínia Marne da Silva Araújo dos. Educação do Campo e Educação Ambiental: interconexões para a construção de um ensino crítico e transformador. **Debates em Educação**, v. 9, n. 18, p. 87 – 97, 2017. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/2418/2584>. Acesso em: 04 set. 2023.

BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão; MORILA, Ailton Pereira. A Mística no contexto do movimento da Educação do Campo. **Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino, Dossiê n. 4**, v. 3, p. 257-279, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/32027>. Acesso em: 05 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOGO, Ademar. Mística. In: CALDART, Roseli Salette, PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**, 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

BORGES, Patrícia Spinassé. **Evidências de diálogos entre a Educação do Campo e Educação Ambiental em um curso de Licenciatura**. 2022. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Goiás, 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/39863d42-1811-4280-8832-026e67c067de>. Acesso em: 15 set. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CALDART, Roseli Salette. Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Monica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de (orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Coleção Por uma Educação do Campo, n. 5, Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CORDEIRO, Georgina N. K; REIS, Neila Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e sustentabilidade do campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p.115-125, abr. 2011. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3078>. Acesso em: 04 set 2023.

DANTAS, Jonielton Oliveira; SOARES, Maria José Nascimento; SANTOS, Marília Barbosa dos. A relação da Educação Ambiental com a Educação do Campo: aspectos identificados a partir de publicações em periódicos de Educação Ambiental. **Revista de Educação Ambiental: Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 25, n. 2, p. 448 – 480, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/11328>. Acesso em: 04 set. 2023.

FALEIRO, Wender; RIBEIRO, Geize Kelle. Na “pinguela” da Formação por área e Interdisciplinaridade nos cinco anos de LEDOC em Goiás: vozes e vieses dos professores formadores. **Revista Cocar**, Belém, v. 15, n. 32, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4365>. Acesso em: 04 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação Ambiental**: questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019.

MELO JÚNIOR, Arlindo Lins de; BEZERRA NETO, Luiz. Educação do Campo: reflexões sobre cidadania e cultura. **Periferia: Educação, Cultura & Comunicação**, v. 13, n. 1, p. 84-100, 2021.

PIATTI, Célia Beatriz; SILVA, Jucelia Souza da. A mística na Licenciatura em Educação do Campo: imagens, tempos, espaços e experiências. **Revista Imagens da Educação**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 179- 197, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/50069>. Acesso em: 04 set. 2023.

TARDIN, J. M. Cultura Camponesa. In: CALDART, R. S., PEREIRA, I., B., ALENTEJANO, P., FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**, 2 ed. Rio

de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. **Perspectiva**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 69–94, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p69>. Acesso em: 11 set. 2023.

Submissão em: 18/09/2023

Aceito em: 06/06/2024

Citações e referências
Conforme normas da:



ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE NORMAS
TÉCNICAS